

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ARARAQUARA

BOLETIM

Cadeira de Política

N.º 3

AGOSTO 1968



ARARAQUARA
SÃO PAULO -- BRASIL

A Cadeira de Política recebeu com enorme pesar a notícia do falecimento do Prof. Castro Soromenho, ocorrida no mês de junho, na cidade de São Paulo.

Os alunos desta Faculdade tiveram oportunidade de manter um contato direto com o Prof. Soromenho, durante o curso por êle ministrado, em 1967, em torno de problemas de história e literatura africanos.

Além disso, a convite desta Cadeira, foi realizado um amplo debate sobre alguns temas políticos atuais do Oriente Próximo e do continente africano. A lembrança que nos ficou, desse contato, foi a de um apaixonado estudioso e profundo conhecedor dos problemas candentes que preocupam o Terceiro Mundo, um combatente enérgico do neocolonialismo e do fascismo.

O Prof. Adolfo Casais Monteiro, da Cadeira de Teoria Geral da Literatura, desta Faculdade, amigo e compatriota de Castro Soromenho, atendendo gentilmente ao nosso pedido, ofereceu-nos a colaboração que transcrevemos abaixo.

CASTRO SOROMENHO

Adolfo Casais Monteiro

Soromenho tem sido justamente considerado uma das figuras mais representativas do neo-realismo português, com as implicações políticas que tal designação subentende. Direi mesmo ser êle um dos poucos, de entre quantos é costume incluir nessa corrente, que na verdade levaram a cabo a crítica da realidade social que põe efetivamente em equação os problemas humanos, em vez de se reduzir a esquemáticas oposições de condições sociais "coladas" sobre uma intriga que não chega a ser analisada. A fusão da experiência pessoal e da condição social das personagens é precisamente a marca do verdadeiro romancista. Por isso os três últimos romances que Castro Soromenho escreveu - o último dos quais, A Chaga, ainda inédito - não são apenas "literatura ultramarina", como restritivamente, suponho que sem intenção de preciativa, vem classificada tôda a obra do escritor na História da Literatura Portuguesa de Saraiva e Óscar Lopes, mas literatura portuguesa no mais amplo sentido da palavra.

O equívoco, com efeito, é antigo. É idêntico ao do "regionalismo", também aquela designação exige a pergunta: ultramarina por ser "apenas" do ultramar, por só "valer" para o ultramar, por não "entrar" na literatura

universal? Na realidade, a condenação implícita consiste em dar por entendido que existe um gênero literário onde apenas se está, disfarçadamente, sugerindo que as obras respectivas são "menores". Ora a obra de Castro Soromenho mostra, mais que outra qualquer, a inanidade de tal designação: numa primeira fase é obra de tema africano "sem o branco"; posteriormente, no que a morte tornou sua fase última, é o estudo da realidade africana depois da vinda do branco: numa e na outra fase é ficção, seja conto, novela ou romance, a ser compreendida como tal ao lado da obra de todos os ficcionistas contemporâneos portugueses, pois que o lugar onde decorre a ação não constitui base para divisões da história literária.

Soromenho falava muitas vezes do romance de Lisboa que desejava escrever. Se essa fase tivesse chegado a existir na sua obra, esta teria sido, no seu conjunto, o equivalente das suas três grandes experiências: a da África "por ela própria", a da África sob a ocupação branca, e a da pátria onde regressou para se dedicar inteiramente a escrever. E esta última fase da sua obra, que nem sequer pôde iniciar, poderia ser um testemunho inapreciável sobre a pátria onde lhe era vedado habitar, onde os seus melhores romances não podem ser editados, e onde a partir do início da luta dos angolanos pela independência até a sua vida corria perigo.

O grande "crime" de Soromenho, nos seus três últimos romances, é apenas este: ter pôsto a realidade a nu. Por tal "crime" êle ficará, pois que o praticou com admirável talento, não só como um dos melhores romancistas portugueses da nossa época, mas como aquêle que consagrou a sua obra quase inteira ao conhecimento da África real, por isso mesmo sendo levado a identificar-se como os que pegaram em armas para conquistar uma liberdade que lhes nega o ocupante branco.

O desaparecimento de Castro Soromenho, no preciso momento em que ia ter as condições de trabalho que lhe vinham faltando desde a sua chegada ao Brasil, é também uma perda para os estudos africanos neste país. A sua atividade junto à cadeira de Sociologia II da Faculdade de Filosofia da USP ficará porém assinalada por obra a publicar em breve, a qual, supomos, ainda pôde concluir.

Castro Soromenho, não obstante a pouca saúde que bem podia ser desculpada de uma prudência que tantos "intelectuais", mesmo com saúde, acham conveniente adotar perante o crime e a injustiça, foi um herói da resistência dos escritores portugueses ao fascismo. A sua vida foi, como a sua obra, um ato de coragem. Os seus amigos escreverão um dia o que foi a tragédia do exílio, para êste escritor, exemplo para todos quantos queiram ser dignos do nome de autêntico intelectual.